

Pedro Ladeira/Folhapress



O presidente Michel Temer em churrascaria em Brasília, para onde levou embaixadores

Governo minimiza problema na carne apontado pela PF

Temer se reúne com embaixadores dos 33 países mais importantes para o setor e anuncia reforço na fiscalização

O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, criticou a Polícia Federal por “erros técnicos” na Operação Carne Fraca, que levou o presidente Michel Temer a convocar reunião de emergência no Palácio do Planalto.

Foram contestados os usos de ácido cancerígeno, de papelão em frango e de carne de cabeça de porco.

“Está claro no áudio que estão falando de embalagens e não de misturar papelão na carne”, disse o ministro. “Senão é uma idiotice.” Maggi afirmou que “está escrito no regulamento” que a carne de cabeça de porco pode ser utilizada.

O governo criou força-tarefa para fiscalizar os 21 frigoríficos investigados.

O anúncio foi feito em encontro com os embaixadores dos 33 países que mais importam carnes do Brasil. No final, eles foram convidados por Temer a jantar em churrascaria de Brasília.

Temer disse que as falhas são pontuais. **Mercado A15**

RENATA AGOSTINI
DE SÃO PAULO
MAURO ZAFALON
COLUNISTA DA FOLHA

Ex-ministro da Agricultura e presidente da ABPA (Associação Brasileira de Proteína Animal), que representa produtores e exportadores de carne suína e de frango, Francisco Sérgio Turra afirma que a repercussão da Operação Carne Fraca, deflagrada na sexta (17) pela Polícia Federal, foi "exagerada" e deu a impressão de que a carne brasileira é toda fraudada.

"Foi muito forte esse discurso irresponsável, fruto de um levantamento ainda incompleto da própria operação [da Polícia Federal]", afirmou em entrevista à **Folha**.

Segundo ele, os produtores brasileiros mantêm padrões de qualidade elevados e as falhas identificadas pelas autoridades não pegam 0,5% do setor. Para Turra, os empresários brasileiros terão trabalho, mas será possível reverter o dano de imagem.

Folha - Há risco de enfrentarmos um problema de segurança alimentar?

Francisco Sérgio Turra - Não. Ao contrário, o Brasil está preparado para ser uma reserva de alimentos para o mundo. Estamos nos capacitando cada vez mais.

A operação colocou em dúvida a qualidade da carne produzida no Brasil. Como o setor planeja reagir?

O que tem de haver é um forte esclarecimento à população. Temos 99,5% do setor absolutamente em dia, oferecendo produtos saudáveis, dentro do padrão de conformidade aqui e lá fora. Nem 0,5% tem falhas.

As falhas detectadas pela operação precisam ser abolidas, os agentes envolvidos, punidos. Não é toda uma marca que está em jogo, não é toda uma empresa que está em jogo. São exceções pontuais envolvendo algumas marcas.

Não dá para a gente generalizar e vender a imagem de que tudo é ruim, de que tudo é corrupto, corrompido e corruptível. Para abrir mercado lá fora, a média tem sido de quase dez anos de luta. A maior injustiça do mundo é jogar na lata do lixo todo esse trabalho, denegando o esforço de muitos durante décadas.

A Polícia Federal identificou empresas oferecendo vantagens para afrouxar a fiscalização. Temos um problema no sistema de controle do país?

Há agentes do Ministério da Agricultura cumprindo seu dever e eles são a absoluta maioria. A imagem do Brasil, da proteína brasileira, é impecável lá fora. Temos 36% de toda a exportação mundial de frango. Exportamos carne suína para vários países.

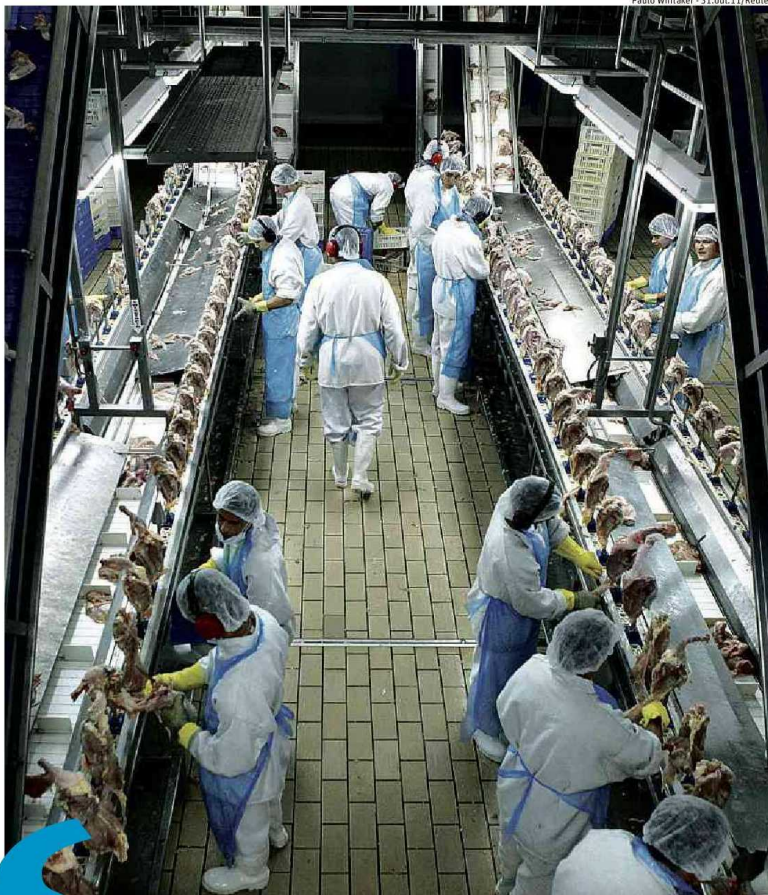
Somos os maiores exportadores de carne bovina. É um absurdo nivelar tudo, generalizar, vender a ideia de que no Brasil nada presta, de que tudo é podridão, é errado, nada está na conformidade da lei. Quando é justamente ao contrário: somos o país que tem a melhor biossegurança.

O que dá a certeza de que o sistema de inspeção funciona?

Além da proteção da nossa inspeção, somos submetidos à inspeção de vários outros técnicos de países importadores que vêm visitar o país continuamente. Esses acontecimentos atuais nos farão aprimorar ainda mais o nosso sistema de vigilância.

O senhor acredita que o estrago já tenha sido feito diante da repercussão da operação?

Os mercados lá fora questionarão e exigirão os esclarecimentos, mas acredito que



Unidade de processamento de frango no interior de SP

É uma amostra pequena, de uma ou outra unidade. A JBS tem 120 unidades no Brasil. A BRF tem 35. Aconteceu algum deslize e irregularidade em dois estabelecimentos aqui e um ali. Ou seja, é uma amostra muito pequena, um universo muito restrito dentro dessas empresas. Não se deveria macular a imagem delas. Matematicamente, é um absurdo condenar uma marca por isso.

No caso dos menores, a expressão é pequena. Não fizemos ainda esse mapeamento, mas diria diria com certeza que todos juntos têm fração extremamente pequena do mercado doméstico.

O Ministério da Agricultura trabalha com funcionários cedidos pelos frigoríficos. É regulamentado, mas não é um claro conflito de interesses?

Essa prática acontecia em maior escala no passado. Hoje já é até menor graças à luta toda. É uma prática que realmente não é bem-vista na União Europeia e em muitos mercados. Mas acontece, porque, para poder funcionar [a fiscalização], principalmente em regiões mais distantes, as empresas e os frigoríficos tiveram de ceder funcionários ao governo. Na ABPA, batemos muito na tecla da necessidade de ampliar o número de concursos para ficar menos promíscua essa relação.

O embaixador da União Europeia no Brasil falou da possibilidade de o bloco impor restrições à importação de carne. O setor deve sofrer sanções?

Acredito que a gente tenha argumentos sólidos para fazer com que isso não venha a acontecer. Mas é tão grande a generalização feita aqui no Brasil que atenta contra isso. Foi algo exagerado, dando a impressão de que carne brasileira é toda fraudada, nada é confiável. Foi muito forte esse discurso irresponsável, fruto de um levantamento ainda incompleto da própria operação [da Polícia Federal].

A operação é positiva. Nada contra ela, mas, na medida em que você deixa no ar algumas coisas, abre espaço para cada um tirar uma conclusão. Por isso, deveria haver um resultado rápido sobre quem errou e qual foi a prática e então punir os que estão envolvidos.

Qual o impacto para o Brasil caso a União Europeia decida restringir a importação?

Não é apenas o mercado europeu. É o efeito sobre os outros. A UE é referência. Nós exportamos para muitos países porque exportamos para a UE, que é um mercado exigente. Tem país que nem veio visitar o Brasil, mas você, se exporta para a União Europeia, eles dizem que em vão autorizar as mesmas unidades habilitadas pelos europeus.

Se tudo for posto agora e esclarecido agora, a sangria será muito menor e os esclarecimentos serão facilmente absorvidos. Quanto mais demorarmos para reagir, se esperarmos passivamente, mais prejuízo teremos. Temos de ser rápidos.

Os outros países produtores podem usar esse momento para bloquear a carne do Brasil ou tentar reduzir preços nas negociações?

Não acredito. Tenho segurança de que não vai haver retalições. Dará trabalho, mas vamos reverter essa situação criada. [O estrago inicial] foi fruto de desinformação e de um equívoco.

Os encontros de hoje [domingo, 19] em Brasília mostram que os representantes dos países que participaram da reunião com o presidente Michel Temer vão passar uma impressão de tranquilidade para seus países.

» LEIA MAIS em 'Mercado'

ENTREVISTA DA 2ª FRANCISCO SÉRGIO TURRA, 74

Operação criou discurso irresponsável sobre carne

PRESIDENTE DE ASSOCIAÇÃO DE EXPORTADORES DE PROTEÍNA ANIMAL DIZ QUE FALHAS APONTADAS NÃO PEGAM 0,5% DO SETOR

“ Foi algo exagerado, dando a impressão de que carne brasileira é toda fraudada, nada é confiável. Foi muito forte esse discurso irresponsável, fruto de um levantamento ainda incompleto da própria operação [da PF]

“ A operação é positiva. Nada contra ela, mas, na medida em que você deixa no ar algumas coisas, abre espaço para cada um tirar uma conclusão

“ É um absurdo nivelar tudo, generalizar, vender a ideia de que no Brasil nada presta, de que tudo é podridão, é errado, nada está na conformidade da lei



O presidente da ABPA (Associação Brasileira de Proteína Animal), Francisco Sérgio Turra

estarão conosco tal é o conceito que o Brasil tem no exterior. Por exemplo: nós exportamos frango para o Japão e para a União Europeia e os americanos não conseguem entrar nesses mercados.

Vejo que o estrago está feito no sentido de que a imagem está arranhada e o mercado interno está cheio de dúvidas. Mas o fundamento nosso e a credibilidade se baseiam nas missões técnicas internacionais que vêm aqui, nos projetos de imagem, de trazer jornalistas de fora para conhecer nosso sistema e a cadeia toda.

No Brasil, para uma empresa se adequar à legislação, ela tem de cumprir a legislação ambiental, o codex alimenta-

rios [conjunto de regras internacionais para produção de alimentos e segurança alimentar], estar em conformidade com todos os preceitos.

A PF investiga a BRF e JBS, mas a maior parte dos alvos são empresas de menor porte. A ABPA, em conjunto com a Abiec (produtores de carnes), já mapeou a fatia de mercado desses frigoríficos menores?

Na BRF e na JBS [donas das marcas Friboi e Sadia, respectivamente], trata-se de casos isolados. Não é a marca ou a empresa que falhou e praticou irregularidades. São agentes privados e públicos numa convivência criminosa, mas é algo bem pontual.

RAIO-X

Formação: Direito pela Universidade de Passo Fundo e comunicação social pela PUC

Cargo: presidente da ABPA (Associação Brasileira de Proteína Animal)

Trajatória: foi ministro da Agricultura (governo FHC), prefeito de Marau (RS), deputado estadual e federal, diretor de Desenvolvimento do Banrisul e presidente-executivo da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento)

Saiba o que pode e o que não pode ser usado na carne

CAMILLA COSTA
RENATA MENDONÇA
DA BBC BRASIL

Carne com papelão? Ácido cancerígeno na salsicha? Desde que a Operação Carne Fraca, as informações se espalharam pela internet e causaram pânico em muitos consumidores.

A BBC Brasil conversou com engenheiros de alimentos e especialistas em carnes para esclarecer o que pode e o que não pode ser adicionado no processamento de carnes.

PAPELÃO

Ao anunciar a operação, a PF mencionou que empresas envolvidas no esquema de corrupção "usavam papelão para fazer enlatados (embutidos)".

O médico-veterinário e especialista em carnes da **Unicamp** Pedro Felício acredita que a referência ao papelão não tenha sido feita como ingrediente para o processamento da carne. "Acho difícil isso ter acontecido."

Em nota, a BRF disse que "houve um grande mal-entendido na interpretação do áudio capturado pela PF". A empresa afirma que um de seus funcionários falava que tentaria embalar a carne em papelão.

ÁCIDO ASCÓRBICO

A popular vitamina C também foi citada pelo delegado da PF como algo utilizado para "maquiar" o aspecto da carne.

Muitas pessoas associaram o ácido ascórbico como sendo uma substância potencialmente cancerígena. De acordo com a OMS, não há evidências de relação com o câncer.

"O uso tem benefícios e não é para mascarar carne adulterada. Ele tem uma função nas carnes processadas como antioxidante, ajuda a melhorar a estabilidade do sabor", diz a engenheira de alimentos Carmen Castillo, da Esalq-USP.

SALSICHA SEM PERU

A descoberta de que, no Paraná, alunos da rede pública estadual consumiram salsicha de peru sem carne de peru —preenchida com proteína de soja, fécula de mandioca e carne de frango— deu início à investigação da PF.

"É preciso observar as quantidades usadas, têm de estar nos limites da lei", diz Felício.

ÁGUA NO FRANGO

Segundo a PF, fiscais teriam descoberto que frangos teriam "absorção de água superior ao índice permitido".

"A prática não chega a ser prejudicial à saúde, mas altera o peso da carne. É uma fraude econômica", diz Felício.

CABEÇA DE PORCO

O uso da carne de cabeça de porco ou de boi em linguiças é discutido em uma das ligações interceptadas entre os sócios de frigorífico e, segundo a PF, tem o uso proibido.

O ministro Blairo Maggi (Agricultura) contestou a PF e disse que o uso é legal. De todo modo, diz Felício, a ingestão não seria prejudicial à saúde.

Governo minimiza crise da carne e rebate argumentos técnicos da PF

Ministro diz que uso de cabeça de porco e ácido ascórbico na produção dos alimentos é legal

Temer afirma que número de frigoríficos investigados é 'mínimo' e anuncia força-tarefa para fiscalizar unidades

CAMILLA MATTOSO
DÉBORA ÁLVARES
DE BRASÍLIA

O ministro Blairo Maggi (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) criticou a PF por "erros técnicos" cometidos na Operação Carne Fraca, que levou o presidente Temer a convocar uma reunião de emergência no Palácio do Planalto neste domingo (19).

O ministro questionou o diretor da PF, Leandro Daiello, pela condução da investigação. Segundo Maggi, a polícia considerou que alguns frigoríficos adotaram práticas proibidas e, na verdade, elas são permitidas pela regulamentação do setor.

As declarações foram dadas depois do encontro que reuniu ministros, secretários, associações de produtores e exportadores e dos 33 embaixadores de países que mais importam carnes do Brasil.

O governo tentou minimizar o caso e rebater os argumentos técnicos da PF. Três pontos foram contestados: o uso de ácido considerado cancerígeno na mistura de alimentos, a utilização de papelão em lotes de frango e de carne de cabeça de porco —algo que a PF disse ser "sabidamente proibida".

"Está claro no áudio [das conversas dos investigados] que estão falando de embalagens, e não de misturar papelão na carne", disse o ministro. "Senão, é uma idiotice, uma insanidade, para dizer a verdade. As empresas brasileiras investiram alguns



O presidente Temer em churrascaria com embaixadores em Brasília; governo pagou conta de R\$ 14 mil dos diplomatas

milhões de dólares, há mais de dez anos, para consolidar mercado, e aí você pega uma empresa que é exportadora e vai dizer que misturou papelão na carne? Pelo amor de Deus. Não dá para aceitar."

Procurada, a PF não havia se pronunciado até a conclusão desta edição.

Maggi afirmou que "está escrito no regulamento" que a carne de cabeça de porco pode ser utilizada". Também afirmou que o ácido ascórbico, divulgado como cancerígeno, "é vitamina C e pode ser utilizado em processos".

"A narrativa nos leva até a criar fantasias. Não estou dizendo que não tenha sentido a investigação. Quando estamos falando 'fiquem tranquilos', é porque a gente conhece

a maior parte do nosso sistema, 99% dos produtores de alimentos fazem as coisas certas", disse o ministro.

Para evitar "ruidos" desse tipo, a Agricultura criou uma força-tarefa que submeteu os 21 frigoríficos investigados a um "regime especial de fiscalização". Esse grupo também participará da condução do inquérito pela PF.

Temer anunciou a força-tarefa para os embaixadores e apresentou números do setor na tentativa de acalmá-los. EUA e UE já tinham pedido de explicações ao Ministério da Agricultura na sexta (17).

Em posse de um relatório preparado pelo Ministério da Agricultura no sábado (18), o presidente afirmou que o Brasil tem 4.837 frigoríficos su-

jeitas à fiscalização e só 21 estão sob investigação. "Isso é um mínimo sobre o tanto de unidades frigoríficas em nosso país," disse Temer.

Ainda segundo o presidente, das 853 mil partidas de exportações de carnes do Brasil no ano passado, somente 184 foram consideradas pelos importadores "fora de conformidade" —com problemas de rotulagem ou certificados, não de qualidade.

Temer considerou ainda que somente 33 funcionários estão sendo investigados por envolvimento no caso. "Não é o sistema de defesa agropecuária que está sendo investigado, mas alguns poucos desvios, de alguns poucos funcionários, de algumas poucas empresas", disse.

CHURRASCO

Temer terminou convidando os embaixadores para um churrasco em uma das casas mais frequentadas de Brasília (DF). Dezenove deles compareceram, além de oito representantes comerciais. Também foram o ministro da Secretaria de Governo, Moreira Franco, e o ministro da Agricultura, Blairo Maggi.

O governo pagou a conta dos embaixadores (R\$ 14 mil). Temer bebeu caipirinha, comeu alcatra, fraldinha, linguiça, cordeiro e picanha. Em tom descontraído, perguntou a origem das carnes. Todas eram nacionais. E da JBS —uma das investigadas pela PF.

» LEIA MAIS nas págs. A18 e A23 e a Entrevista da 2ª, na pág. A14